



Localizado na rua Tomaz Flores, quase esquina com a José Otão, Theatro Mágico marcou época durante nove anos como ponto de cultura, boemia e diversão

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



reportagem cultural

Boemia multimídia

Marcello Campos, especial para JC

Tradicionalmente associada ao divertimento sem compromisso, a boemia também costuma dividir mesa com as mais devotas manifestações culturais. Mas poucos empreendedores do ramo levaram a sério essa parceria em mais de um século de história da vida social em Porto Alegre após o cair da tarde - nomes como Ovídio Chaves com seu Clube da Chave (1953-1959) e Dirceu Russi/Antônio Carlos Castro no Bar do IAB (1981-1991) estão entre as menções honrosas. Há também quem lembre do Theatro Mágico (1983-1992), fundado pelo multimídia Clécio “Caco” Zanchi e que garantiu assento na antologia dos melhores endereços



noturnos da cidade.

Bar. Restaurante. Galeria de arte. Palco para atrações literárias, cênicas e musicais, incluindo uma divertida novidade chamada karaokê. Instalado em um casarão de dois andares no limite dos bairros Bom Fim e Independência, o espaço de despojada elegância logo virou ponto de referência para um público mais exigente (embora não pernóstico), composto por “gente comum”, intelectuais e protagonistas das mais diferentes áreas.

O projeto havia sido deflagrado tempos antes, há quase 10 mil quilômetros de distância da capital gaúcha, explica o idealizador ao trazer para a conversa o ímpeto do jovem de apenas 22 anos e vocação para cidadão do mundo.

“Em 1982 eu estudava Turismo na Pucrs e Arquitetura na Unisinos, além de trabalhar como produtor e diretor de arte na agência Objetiva de filmes publicitários, quando resolvi me mudar para a Espanha, a fim de aprender o idioma ‘na fonte’. Trabalhei durante meses como leitor de jornais para uma condessa que tinha alergia a papel e, durante esse período, acabei conhecendo em Barcelona um pequeno castelo com serviços de bar, restaurante, teatro e galeria. Essa experiência me impactou de tal forma que, ao voltar para casa no ano seguinte, já estava decidido a abrir algo assim por aqui. O primeiro passo foi achar um espaço interessante para colocar a ideia em prática.”

Caminhando pela vizinhança de seu apartamento na avenida Independência, sua atenção foi fisgada pelo anúncio de ‘Aluga-se’ no elegante imóvel construído no início do século 20 pela família

Schaan na rua Tomaz Flores nº 123, quase esquina com a José Otão. O lugar servia como luva ao conceito e ainda permitiria contato permanente com a culinária Maria Teresa Schaan Pessano, de infância ali vivida. Responsável no jornal Zero Hora por uma coluna de gastronomia (assunto que também despertava o interesse de Caco), ela logo se tornou também professora, amiga e incentivadora do novo inquilino, que teve carta branca para promover mudanças na planta interna.

A fachada da antiga residência ganhou tinta branca em combinação a detalhes em azul-cobalto e um discreto neon a indicar o nome, criado ao natural como síntese de suas pretensões. Sem uso do térreo pelo estabelecimento, uma escada de madeira conduzia ao segundo andar, com seu corredor em tijolo-à-vista e paredes recortadas para transformar

as peças originais em um amplo salão com bar, pequeno palco, 20 mesas à luz de velas e cadeiras de madeira e lona em estilo “cinestata”. Elementos retrô como pôsteres de filmes, fotos, reproduções de pinturas francesas e lembranças de viagem completavam a decoração, que logo receberia outro item marcante.

“Eu já trabalhava com grafite quando a relações-públicas Leonor Sonnenreich me pediu para a porta do banheiro do Theatro Mágico um dos painéis do lote que eu havia produzido com essa técnica para um programa da RBS TV”, conta o artista plástico Frantz Soares, 61 anos, proprietário da loja Koralle de materiais para desenho e pintura. “Ao conferir o resultado no bar, notei que o pessoal havia deixado a parede do banheiro toda branca e com vários sprays à disposição para os clientes. Não resisti e gastei toda a tinta naquele ambiente, que acabou virando uma atração adicional do bar. É uma pena que não tenham sobrado registros daquela imagem tão legal.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Da peça didática à aventura fantasiosa

Figueiredo Pimentel escreveu vários textos para crianças, boa parte dos quais em parceria com Coelho Neto. Uma significativa seleção destes textos se encontra em *Teatrinho infantil*, que a Editora Quaresma, do Rio de Janeiro, editou em 1959. Chama a atenção a quantidade de textos que aí encontramos, com títulos do tipo *Amor de mãe*, *Os meus parentes* ou *Mentiroso e preguiçoso*. De modo geral, são textos curtos, com cerca de dez páginas, constituídos de cenas breves, com nítida preocupação didática: são situações do cotidiano em que se discutem comportamentos ideais e valores a serem respeitados por parte das crianças.

Carlos de Góis, que lhe vem logo depois, igualmente evidencia tais preocupações. Basta ler o volume *Theatro cívico escolar* (Tipografia São José, Belo Horizonte, 1925), cujos títulos refletem com fidelidade as preocupações do autor: *Ensinar a ler*, peça de propaganda contra o analfabetismo, ou *13 de maio*, peça retrospectiva da Abolição, e assim por diante.

O volume intitulado *Teatro das crianças* (Paulo de Azevedo & Comp. Ltda., 1950), de que tenho a sexta edição (!!!), já traz textos mais livres desta carga educacional, ora recriando histórias tradicionais, ora trabalhando cenas cotidianas, como *Branca de Neve*, que é uma opereta, ou *A dona de casa*, comédia em um único ato, em que encontramos, simultaneamente, uma perspectiva conservadora, a da função feminina enquanto dona de casa, com a referência a que, nos países europeus, já existem escolas domésticas, para o treinamento das meninas e jovens para tais tarefas. É neste contexto, que não se modificou nas primeiras décadas do século XX, que aparece Lúcia Benedetti, paulistana de 1914 (início da primeira Grande Guerra), que vem a se casar com o jornalista e pesquisador Raimundo Magalhães Jr. Em 1942, eles são obrigados a deixar o Brasil por perseguições do Estado Novo, indo trabalhar nos EUA, de onde regressam ao final da guerra (e da queda de Getúlio Vargas), em 1945.

Lúcia, que nestes anos havia trabalhado como jornalista, assim como o marido, começa a escrever ficção e inclusive textos dramáticos para crianças. Em 1948, surge *O casaco encantado*, cujo texto é entregue

a Henriette Morineau, da Cia. Artistas Unidos. O espetáculo será dirigido por Graça Mello e, dentre seus intérpretes, contará com a estreia de Marília Pêra. O enredo é fantasioso: um rei tem um alfaiate em quem deposita absoluta confiança e, graças a isso, será salvo de um complô político. A obra rende o Prêmio de Teatro Infantil da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro, entenda-se), em 1954, e o Prêmio Arthur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras. Seguir-se-iam a este texto outros dois trabalhos: *A menina das nuvens*, libreto para uma opereta que seria musicada por Heitor Villa Lobos, aliás, sua última obra, estreando em 29 de novembro de 1960 (embora escrita bem antes); e *Joãozinho anda prá trás* (1952) que aborda a história de um reizinho que só sabe caminhar para trás, até que um dia, para escapar a uma tentativa de derrubá-lo, ele resolve andar para a frente.

Lúcia Benedetti, como Raimundo Magalhães, era militante partidária. Não surpreende que seus textos falassem, indiretamente, da experiência traumática da ditadura getulista. Mas o importante é que Benedetti não fazia discursos, mas colocava a personagem - sempre crianças vivendo papéis de adultos - em situação de assumir responsabilidades e tomar decisões, valorizando a autonomia infantil.

A dramaturgia de Lúcia Benedetti pode estar aparentemente esquecida, mas ainda em 2021 a Editora José Olympio voltou a editar *O casaco encantado*, peça que foi, igualmente, remontada pela casa Laura Alvim, do Rio de Janeiro, em 1997, além da remontagem da opereta de Villa Lobos, pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1960 e, mais recentemente, em 2009, pelo Palácio das Artes, de Belo Horizonte.

A grande revolução de Lúcia Benedetti foi valorizar o universo infantil, dando-lhe autonomia e personalidade, explorando a fantasia e permitindo que os enredos se desenvolvessem com liberdade, levando o leitor e o espectador a simplesmente se divertirem através de aventuras possíveis, em uma simbiose recompensadora entre o sonho e a realidade. Em síntese, Lúcia Benedetti ainda pode - e eu diria, deve - ser levada a nossos palcos para o divertimento da gurizada.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Derrota

Desaparecimento, certamente, é uma palavra difícil de aceitar. Mas nos parece a mais acertada ao ser confirmada o fechamento, ao que tudo indica definitivo, do Victória, uma sala de exibição que durante décadas foi uma das melhores e mais bem cuidadas da cidade. O cinema foi palco de acontecimentos que não deveriam ser esquecidos. Um deles, justamente o que de certa forma desmente certas lembranças de um passado cultural marcado por algum nível, é aquele relacionado ao lançamento de *Cidadão Kane*, o clássico de Orson Welles, realizado em 1940 e habitual frequentador de listas dos melhores de todos os tempos. Após suas primeiras exibições, numa segunda-feira, como era hábito na época, a gerência do cinema, diz a lenda, depositou a cópia na calçada e telefonou à distribuidora que a recolhesse, pois tal lixo não deveria continuar sendo exibido. Tal história era narrada por funcionários de diversas distribuidoras muitos anos depois, pois faz parte do folclore cinematográfico de Porto Alegre. Mas o que ficou registrado é que o filme permaneceu apenas um dia em cartaz. Uma testemunha narrou que a obra na primeira exibição foi exibida sob vaías. Outro fato revelador sobre como o cinema era visto na época por certos círculos ocorreu em junho de 1951, quando da exibição de *O casamento de Chifon*, de Claude Autant-Lara, então um dos nomes mais prestigiados do cinema francês. O filme, ambientado na primeira década do século passado, tinha aviadores como protagonistas. E, como não fazia menção a Santos Dumont, deixou indignados alguns espectadores ligados à aviação, que pediram sua proibição em carta a jornais. Foram prontamente atendidos pelos responsáveis pelo cinema, que retiraram o filme de cartaz, inclusive manifestando orgulho por tal atitude, algo que expõe com clareza a mentalidade vigente naquele período específico.

Mas o cinema que agora encerra suas atividades não foi marcado apenas por histórias comprometedoras. Com o nome de Vera Cruz, ele foi inaugurado

em 4 de setembro de 1940, com as exibições de *A mulher faz o homem* (Mr. Smith Goes to Washington), de Frank Capra. Devido a problemas sobre sua propriedade esteve fechado durante algum tempo e voltou a funcionar, com nome de Victória, em 12 de setembro de 1953, com as exibições de *A dupla do barulho*, realizado por Carlos Manga e tendo nos principais papéis Grande Otelo e Oscarito. Antes, quando ainda se chamava Vera Cruz, o cinema lançou aqui o filme *Moleque Tião*, realizado em 1943 por José Carlos Burle, tendo Grande Otelo como protagonista. Este filme, tido como um pioneiro pela abordagem de problemas sociais, não pode mais ser visto, pois o negativo e todas as cópias foram perdidas. Na fase iniciada em 1953, o Victória exibiu alguns filmes hoje clássicos, como *Rastros de ódio*, que o grande John Ford realizou em 1956. O filme *Vertigo*, de Alfred Hitchcock, outro dos grandes momentos da arte cinematográfica, também chegou aqui na tela do Victória. Em dezembro de 1975, contrariando uma tradição de não lançar filmes importantes nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro - e de certa forma inaugurando uma nova fase - o cinema lançou *Tubarão*, de Steven Spielberg, obtendo grande êxito nas bilheterias.

O declínio começou com um novo fechamento em 1998. A reabertura, em 14 de maio de 1999, divido em duas salas, durou poucos anos e, quando uma das salas reabriu, em 20 de julho do ano passado, a programação, que nada tinha a ver com o nome cult então utilizado, não encontrou público interessado, até porque nenhum título exibido merecia ser chamado daquela forma. Um erro, claro, mas não o único responsável pelo fracasso da iniciativa. O equívoco, que evidencia o desconhecimento das tendências atuais, se juntou à decadência de uma região da cidade que perdeu, por motivos amplamente conhecidos sua capacidade de atrair público. - A referência ao acontecido com o filme *O casamento de Chifon* foi feita graças ao arquivo do saudoso Ary Neves Mendonça, um dos nomes mais importantes na história do Clube de Cinema de Porto Alegre.

fique ligado

Rock alternativo em pegada solidária

Buscando superar a maior tragédia natural já vivida no Rio Grande do Sul, o Bar Opinião (rua José do Patrocínio, 834) vai sediar o festival solidário Retoma POA. O evento, que reúne três expoentes da nova geração do rock alternativo local - Metanóia, Quem é Você, Alice?

e Bella e o Olmo da Bruxa - ocorrerá no próximo domingo, às 19h. Os ingressos partem de R\$ 35,00 e estão disponíveis no Sympla.

Com o intuito de fazer dos shows uma noite de resiliência, o Retoma POA também vai arrecadar doações para as vítimas das enchentes, como alimentos

não perecíveis, agasalhos e ração para cães e gatos. O evento conta com o suporte do RS Música Urgente, que está auxiliando os profissionais da música diretamente afetados pelas inundações. O apoio ao projeto também pode ser dado pelo PIX emergencia-musicars@gmail.com.

ENZO HOFMANN/DIVULGAÇÃO/JC



Metanóia é uma das bandas a se apresentar em evento solidário no Opinião neste domingo

Sesc Canoas reabre para a cultura

Neste domingo, às 17h, o Sesc Canoas (av. Guilherme Schell, 5340) realizará o concerto musical Juntos Somos Fortes, com a Orquestra da Ulbra e o Vocal TAKT. A atração marca a retomada dos eventos culturais no Teatro da Unidade, após o período das enchentes. O evento é gratuito e voltado especialmente para voluntários e à equipe do Sesc, que atuaram em ações assistenciais de apoio à comuni-

dade canoense afetada pela tragédia climática. Também haverá ingressos ao público em geral, que pode reservar lugar através do site www.sesc-rs.com.br/espectaculosculturais ou diretamente no SAC da Unidade. A apresentação será transmitida ao vivo pelo canal do Sesc/RS no YouTube.

O objetivo da iniciativa é celebrar e agradecer a corrente de voluntariado que apoiou a comunidade de Canoas, uma

das cidades mais afetadas da Região Metropolitana, em meio às enchentes. Neste show, com regência do maestro Tiago Flores, orquestra e vozes se encontram para apresentar o repertório das principais divas do pop, como Madonna, Amy Winehouse, Nina Simone e Lady Gaga. Outras informações sobre a atração podem ser obtidas pelo telefone (51) 3456-2013 ou através do Whatsapp (51) 3456-2013.

Voices contemporâneas no Ling

O segundo espetáculo da temporada 2024 do Frequências Sonoras está perto de acontecer. Oito artistas da cena contemporânea de Porto Alegre ocupam o salão principal do Instituto Ling (rua João Caetano, 440) neste sábado, às 19h, para apresentar o som, os versos e as vozes do Rio Grande do Sul. O encontro inédito, com ingressos gratuitos, explora os diálogos entre música e literatura em uma experiência

artística plural. Com curadoria e produção de Bruno dos Anjos e Mauryani de Oliveira, o projeto promove o encontro entre artistas de diferentes estilos, linguagens e regiões em experiências únicas de troca. Os ingressos podem ser retirados sem custo no site instituloling.org.br ou na recepção do centro cultural.

O espetáculo conta com participação de Paola Kirst (cantora, compositora e performer), Pedro

Cassel (poeta, músico e professor de canto e escrita), Nina Fola (percussionista, cantora, compositora, socióloga e 'ativista') e Mariana Abreu Marmontel (atriz, educadora social, produtora cultural e slammaster) representando o coletivo Poetas Vivos, com acompanhamento instrumental de Josué Oliveira (bateria e percussão), Mateus Albornoz (baixo), Mel Souza (teclas) e Viridiana (guitarra e sintetizadores).

Recital beneficente com Cristina Capparelli

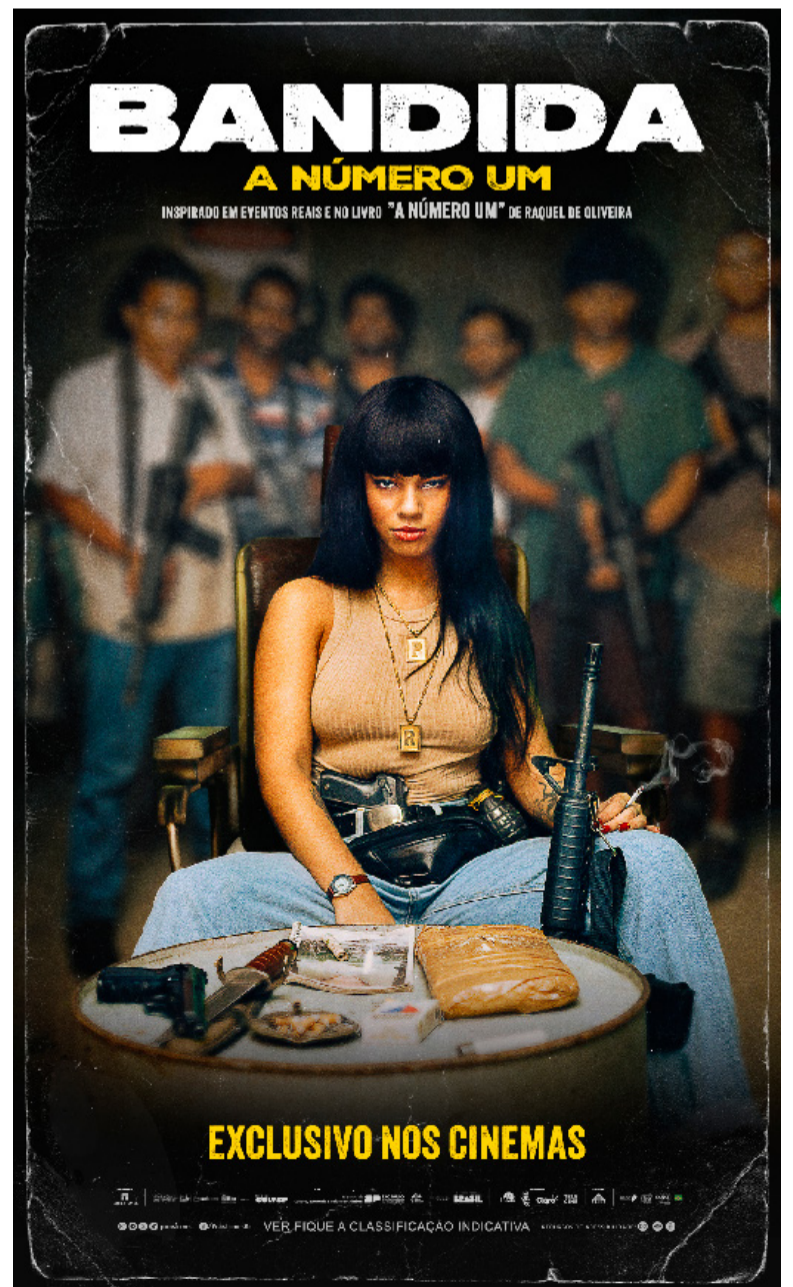
Neste sábado, às 18h, a pianista Cristina Capparelli apresentará um recital beneficente na Casa da Música Poa (rua Gonçalo de Carvalho, 22), como auxílio aos professores que tiveram perdas nas recentes enchentes do Rio Grande do Sul. Cristina interpreta obras

para piano de dez compositoras e compositores brasileiros, tais como Kilza Setti (1932-), Jarmy Oliveira (1944-2020), Alda Oliveira (1945-), Ilza Nogueira (1948-) e Fernando Mattos (1963-2018). O ingresso é de valor livre, a ser pago no dia e no local do evento.

Sarau acústico e gastronomia

A próxima edição do Sarau Acústico Cordas & Cordas ocorre nesta sexta-feira no Casarão Cordas & Cordas (rua Garibaldi, 1.025) às 20h. Os ingressos estão disponíveis no Sympla pelo valor de R\$ 35,00, incluindo uma seleção de petiscos. A noite pretende celebrar os talentos

desenvolvidos na escola, com uma festa para os sentidos com performances acústicas dos alunos, abrangendo canto, piano, violão, flauta, entre outros. Além da música, o Casarão Cordas & Cordas oferece ambiente com bar repleto de opções gastronômicas e bebidas.



reportagem cultural

Despojada elegância

Marcello Campos, especial para o JC *

De portas abertas em 7 de dezembro de 1983, o Theatro Mágico enfatizava a dedicação de Caco Zanchi em entregar à cidade um *pot-pourri* diferenciado e que, não por acaso, conquistou uma clientela de 2 mil pessoas por semana, de segunda a sábado. O convívio entre informalidade e sofisticação se refletia em uma agenda capaz de abrigar atrativos como um caricaturista uruguaio de plantão às sextas-feiras, recitais de poesia, shows de jazz e MPB (a cantora Adriana Calcanhotto foi um dos destaques, antes da fama nacional), gente arrastando mesas para improvisar uma pequena pista de dança ou todo mundo em respeitoso silêncio diante de espetáculos cênicos.

No verão de 1984, a casa fez jus a seu nome ao apresentar por 16 noites seguidas o monólogo *Réquiem Para um Deus*, escrito e dirigido pelo próprio Caco Zanchi, tendo Sílvio Teitelbaum no papel do célebre bailarino polonês Vaslav Nijinski (1889-1950). Tamanho foi o sucesso que a montagem foi esticada por vários meses, chegando ao Salão de Atos da Pucrs e ao interior do Estado, além de minitemporada em julho na boate paulista Madame Satã. E ainda havia os prazeres da boa mesa, sob comando do dono e auxílio de cinco de seus 16 empregados (jovens e descolados universitários), garantindo mais que um caprichado carreteiro grátis às quartas-feiras.

“A cozinha é enxuta, prática

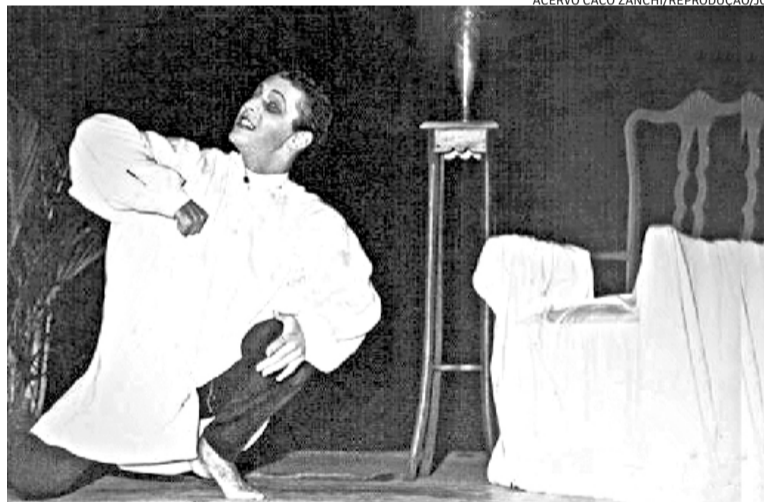
e suficiente para oferecer as excelências sugeridas pelo cardápio, que dá continuidade a uma tradição secular em uma casa que testemunhou o cotidiano de uma família por tantos anos. Ali minha bisavó preparava pães gostosos e minha mãe fazia doces que a tornaram famosa na cidade”, registrou na época a especialista Maria Teresa Schaan Pessano em coluna de Zero Hora com reprodução de três receitas exclusivas – Filé Mignon à Casc Antic e os coquetéis Mário Quintana (contreau com sucos de limão, laranja e abacaxi) e Sandra Dani (conhaque, licor de menta, contreau, xarope de groselha e suco de uva).

Dentre os habituês estavam a artista plástica Elida Tessler e o psicanalista Edson Luiz Sousa, para quem o Theatro Mágico remete a “um espaço acolhedor e que colocava em cena a amplidão do mundo por um viajante generoso em compartilhar experiências”. Na noite de 1º de outubro de 1984, respectivamente com 22 e 24 anos, eles ali realizaram sua festa de casamento. “Queríamos algo a ver com nossa história, mas longe dos clichês. Caco indicou um intérprete de música popular brasileira em voz e violão e definimos um cardápio evocativo de viagens, então escolhemos o goulash (prato à base de carne e especiarias), de origem húngara. Foi comovente ver os avós da Elida, imigrantes judeus, subindo a escada do casarão para se contagiar por aquele ar de juventude”.

Elencada no ranking de 60 melhores pontos boêmios dentre os quase 6 mil visitados no País pela revista Bares Brasil, a casa também recebia estrelas de passagem pelo Rio Grande do Sul, como o ator gaúcho Walmor Chagas (1930-2013) e sua colega carioca Tônia Carrero (1922-2018). A presença de gente ilustre ampliava a projeção do negócio, embora alguns episódios exigissem jogo de cintura na gestão de pequenas crises. “Certa ocasião, uma famosa artista cheirava cocaína no banheiro e, travada, só abriu a porta após muita insistência. Retiramos a mulher com um véu sobre a cabeça, para evitar o



Espaço entre Bom Fim e Independência abriu as portas no final de 1983



Ator Sílvio Teitelbaum durante estreia da peça em janeiro de 1984

vexame, e a ‘matriculamos’ em um quarto no Hotel Plaza”, revela o fundador.

Caco ainda reivindica o pioneirismo em uma novidade na Porto Alegre de 1985: o karaokê, façanha igualmente atribuída a boate Fascinação (bairro Menino Deus), inaugurada naquele ano. De qualquer forma, o Theatro Mágico foi o primeiro e um dos poucos locais da cidade a utilizar bandas ao vivo como base sonora para o divertimento criado no Japão em 1971 e que desembarcara em São Paulo no início da década seguinte, quase sempre com trilhas pré-gravadas. “Começamos às quintas-feiras, com ampla repercussão!”, orgulha-se. Transcorridas quatro décadas, a brincadeira continua em pelo menos 10 bares e boates da capital gaúcha,

com direito a seletivas para campeonato mundial.

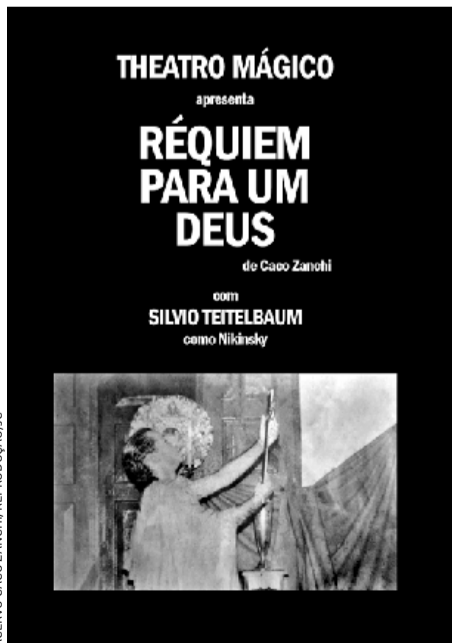
O retorno financeiro do empreendimento e o contato permanente com expoentes da cultura ocorriam em paralelo ao intenso envolvimento de Caco não só com a gastronomia, incluindo a abertura da Cantina di Zanchi (1986), na esquina da rua José Bonifácio com Santa Terezinha, em frente ao Parque da Redenção. Seus interesses também se voltavam cada vez mais para teatro, fotografia e literatura, faceta que resultaria no livro poético *Espaços do Silêncio* (1988) e em planos como o de montar uma sala de espetáculos no mesmo térreo do casarão da Tomaz Flores que no passado abrigara uma fabriquetta de charutos. Foi quando a vontade de retornar à Europa falou mais alto.

Mudança de

Para que nada mais o prendesse a Porto Alegre, no início de 1989 Caco Zanchi optou pela venda do ponto com tudo dentro, exceto por itens de memorabilia. A saída de cena do criador do mais vanguardista endereço noturno de sua época logo deu lugar a um novo investidor, em setembro de 1989: o empresário Rogério Aloise. Com experiência nos ramos de turismo e alimentação, ele atendera a um anúncio de venda da cantina, mas acabou adquirindo o Theatro Mágico, por razões hoje esquecidas, em negociação conduzida por um dos manos de Caco, já ausente. A aposta era inusitada para um sujeito sem qualquer familiaridade ao setor de entretenimento ou grana suficiente para o desafio, abraçado muito mais por necessidade que *know-how*.

“Caí de paraquedas em uma casa que sequer conhecia, aliás nem boêmio eu era”, reconhece Rogério, 69 anos, em bem-humorada sinceridade. “Dei entrada com o valor de um carro Monza usado e, nos primeiros tempos de nova atividade, precisava de táxi ou lotação para me deslocar de meu apartamento na avenida Nilópolis (bairro Bela Vista) até a Independência, descendo a pé a quadra da Tomaz Flores. Na volta, chegava com cheiro de cigarro e batata frita para a missa da 7 da manhã na Igreja São Pedro.”

A estratégia foi mudar o foco para um público mais jovem, menos elitizado e ávido por diversão sem compromisso e cerveja a preço acessível. Conhecido pelo apelido de ‘Pilha’, devido a uma energia que o mantinha em constante aceleração,



Cartaz da Peça *Réquiem Para Um Deus*, encenada com sucesso no Theatro Mágico



Caco Zanchi prepara novo negócio



Marcello Campos é formado incluindo as biografias de Lu Há mais de uma década, de

ACERVO CLERTON ABREU/REPRODUÇÃO/JC

planos

o novo dono recrutou no bar Kafka (avenida 24 de Outubro) a banda Os Totais para reforçar a música ao vivo e as coisas começaram a mudar, embora muito aquém do ritmo desejado. Até ser procurado pelo cearense Clerton Abreu, então radicado em Porto Alegre desde 1987 e cujo alter-ego 'Kekê' se tornara figura lendária - e ainda hoje lembrada - como o melhor animador de karaokê em todo o Estado.

“Resisti inicialmente, por achar que a ideia não tinha nada a ver”, explica Rogério. “Mas topei arriscar um teste na terça-feira e, de repente, tive casa lotada. Então transferei a atração para as quartas, com filas desde o fim da tarde, mesmo que a porta se abrisse somente às oito da noite. O faturamento me empolgou a chamar o Kekê também para as noites de domingo, e o engraçado é que, desta vez, fui eu que precisei convencer o cara”. Não por acaso, o *showman* escolheu o lugar para sediar em 1990 várias etapas de seu torneio, inédito na cidade e que premiava os ganhadores com videocassetes, televisores, toca-fitas automotivos e caixas de champanhe.

A segunda fase do Theatro Mágico teve o seu ciclo encerrado em 1992, após quatro anos de simplicidade e improviso. “O movimento continuava forte, mas chegou um momento em que passei a me incomodar com os vizinhos. Além disso, os proprietários já sinalizavam a intenção de vender o imóvel, e eu tinha aberto na avenida Nilo Peçanha o bar Amadheus (1991-1993). Foi legal, porém cansativo. Eu não repetiria.”

Por onde andam

Rogério Aloise virou a sua página noturna há mais de 30 anos. Com três faculdades incompletas (Administração, Economia e Licenciatura), atuou no segmento de pizzarias e presidiu no biênio 2001-2002 a Sociedade Gondoleiros, tradicional clube do bairro Floresta, Zona Norte de Porto Alegre. Morou no Rio de Janeiro, voltou, foi corretor de imóveis. Pai, marido e avô, hoje curte a aposentadoria em um condomínio de Viamão.

Caco também não concluiu o ensino superior. Jamais precisou, afinal sua universidade é o mundo: desde 1989, são 27 anos na Bélgica alternados com dois na Bahia e seis no Rio Grande do Sul, emolduran-

Contatos Para Shows Fone: 33-5371

DATA:	SEXTAS e Amadheus	APOIO
	DOMINGOS - Nilo Peçanha, 1755	Eletrônica Central
	TEATRO MÁGICO	VIDEO
LOCAL:	QUARTAS - Tomás Flores, 123	SOM
	Vira-Vira	TV
	QUINTAS - Cristovão Colombo, 2363	Fone
		49 67 33

Migada Arts. Sinigraficas

Kekê Karaoke foi atração que deu gás à segunda fase do Theatro Mágico

Antes de fechar a conta, uma dose de memória afetiva. “Houve uma noite em que já não cabia mais ninguém na casa e o cantor carioca Gonzaguinha [1945-1991], em apresentação na cidade, teimou em subir após ser barrado na porta”, narra Rogério. “A insistência foi tanta que acabei autorizando a

sua subida. Ele permaneceu de pé comigo junto ao balcão, tomando caipirinha e cerveja. Conversamos, demos muita risada e, horas depois, a gente se despediu na maior camaradagem, como se fôssemos velhos conhecidos. Alguns meses depois, veio a notícia de sua morte trágica, em um acidente de carro”.

do experiências impactantes. Chefe de cozinha. Consultor. Tarólogo. Poeta. Terapeuta holístico. Tradutor (espanhol, francês, flamenco, inglês e italiano). Curador. Fotógrafo. Ator. Cenógrafo de filmes como *O Manipulador de Paixões* (1994), estrelado pelo francês Alain Delon. Dono de uma galeria e 10 cafés, restaurantes ou bares (incluindo a segunda fase da choperia Líder, em Porto Alegre), todos com ambientes expositivos.

Uma combinação de motivos como pandemia, saúde da mãe, espírito inquieto e saudade do sol o repatriou de vez, embora “definitivo” seja para ele um conceito em permanente transformação nas últimas décadas. Mas nada de descanso. A

cidade que o ensaiou para o sucesso internacional terá cortinas descerradas para novo ato: o Antuérpia Bistrô & Arte, mix de café, galeria de arte e empório em um sobrado de três pavimentos na Félix da Cunha.

“Dedicarei espaço a artigos de pequenos produtores, a fim de contribuir para a superação do grande desastre das enchentes”, antecipa, enquanto decide a melhor parede para um velho pôster do Theatro Mágico. A imagem é uma das poucas que restaram do casarão da Tomaz Flores, demolido no segundo semestre de 1994 para dar lugar a um prédio residencial com duas lojas no térreo - hoje barbearia e ferragem.

Kekê Karaokê: injeção de adrenalina

Nascido no pequeno município de Pentecoste (CE) e criado em Fortaleza, José Clerton Cordeiro de Abreu já fez de tudo um pouco em 65 anos de vida. Garimpeiro. Vendedor ambulante. Professor de inglês. Propagandista. Mas foi o papel do promotor e entertainer “Kekê Karaokê” que o tornou famoso, ao comandar festas com foco no divertimento musical de origem japonesa. Iniciado quase que por acaso, ao substituir de última hora o titular da função em um barzinho que frequentava na capital cearense em 1985, o trabalho deu tão certo que motivou convite de uma turista para atuar no Paraná, onde ficou por quase dois anos, até a decisão de sondar oportunidades em Porto Alegre.

Logo ampliou contatos, conseguiu emprego em uma escola de inglês na Rua da Praia e como sonoplasta de festas em bares da orla de Ipanema. Levado por uma namorada a conhecer o Theatro Mágico em setembro de 1989, convenceu o dono a contratá-lo para uma noite semanal de karaokê, rapidamente ampliada para concorridas apresentações às quartas e domingos. Dali em diante, ele injetaria adrenalina em lugares como Bar Opinião, Porto de Elis, Vira Vira, San Ciro, Amadheus, Hangar, Amnésia e Boliche Rua da Praia, deflagrando uma trajetória que também abraçaria cidades da Região Metropolitana, Interior e Litoral.

“Meu cardápio musical tinha mais de 300 bases gravadas em fita cassete com uma faixa de cada lado, acionadas por três aparelhos”, detalha. “No auge, o faturamento com cachês e participações em bilheteria me permitiu chamar uma banda para gravar em estúdio um punhado de trilhas exclusivas, com muito

rock nacional e outras coisas que não estavam nos LPs de playbacks à venda no mercado. Também pude adquirir apartamento e um carro para divulgação, além de montar uma equipe com sonoplasta, iluminador e três dançarinas, as ‘keketes’.”

Também requisitado para eventos corporativos, ações publicitárias, campanhas políticas e até um programa de rádio na cidade de Esteio, Clerton deu por encerrada sua fase gaúcha em 2003, após 16 anos de presença decalcada na memória afetiva de quem viveu aquele tempo. “Uma separação amorosa, a morte de um grande amigo, meu pai doente no Ceará, a chegada dos aparelhos de videokê e alguns calotes que sofri me levaram a pegar a estrada de volta para casa. Cheguei a tentar um revezamento entre o Sul e o Nordeste por certo tempo, mas a logística se mostrou inviável. De vez em quando apareço por aí, onde deixei muitos amigos”.

As estripulias de Kekê continuam, embora o karaokê já não seja mais o seu ganha-pão. Morando em um sítio em Caucaia (CE), ele circula por várias cidades do Nordeste em uma caminhonete com palco móvel sobre a lataria amarela, divulgando produtos e serviços por meio de dublagens, paródias cantadas e a participação constante de artistas convidados. O mesmo bom humor dá o tom em seu *talk-show Talento em Foko*, veiculado desde 2008 no site de vídeos Youtube e que alterna tipos populares com gente ilustre - os gaúchos Renato Borghetti, Humberto Gessinger, Berenice de Azambuja, Guri de Uruguiana e Gaúcho da Fronteira estão nos arquivos.

nas telas

Jornada de um veterano

Drama que marca os últimos papéis de Michael Caine (que declarou aposentadoria aos 91 anos) e Glenda Jackson (que faleceu em junho do ano passado), *A grande fuga* é inspirado na história real de Bernard Jordan, de 89 anos, que em 2014 ficou mundialmente conhecido ao fugir da casa de repouso para se encontrar com outros veteranos da

II Guerra na Normandia para comemorar os 70 anos do Dia D. Na mesma ocasião, ele celebra 60 anos de casamento com Irene. Após o retorno de Bernard da guerra, Irene sabia que havia algo consumindo a mente de seu marido, mas não quis o incomodar. E, por todas essas décadas, ficou esperando o momento certo para que ele se abrisse com ela.



Glenda Jackson e Michael Caine são as estrelas de *A grande fuga*

Sessões de cinema no Goethe-Institut

A exibição do filme *A Filha do Palhaço* (2022, 104 min) nesta sexta-feira, às 19h, dará continuidade à parceria entre a Cinemateca Paulo Amorim e o Goethe-Institut (rua 24 de Outubro, 112). Os ingressos possuem valor único de R\$ 16,00 e podem ser adquiridos antecipadamente pelo PIX 91.343.103/0001-00 ou na hora, com cartão de débito. As sessões especiais da

Cinemateca vão priorizar títulos que tiveram poucas exibições ou que não ganharam espaço nos cinemas de Porto Alegre devido ao evento climático. Dirigida pelo cearense Pedro Diógenes, *A Filha do Palhaço* conta a história de Renato (Demick Lopes) e de sua filha Joana (Lis Stucker), que não se veem há 14 anos e terão alguns poucos dias para testarem seus laços familiares.

Cai o silêncio sobre Nova York

Medo, tensão e uma mórbida quietude tomam conta de Nova York em *Um Lugar Silencioso: Dia Um* que dá continuidade à franquia em formato prelúdio, trazendo os eventos que antecederam os dois longas anteriores. No longa, o público acompanhará o primeiro dia da invasão alienígena que silenciou o mundo. Interpretada por Lupita Nyong'o, Samira é uma

mulher que está em Nova York de passagem quando criaturas invadem a cidade. Ela conhece Eric (Joseph Quinn), um desconhecido com quem aprende a sobreviver em silêncio numa metrópole sob ameaça. Completam o elenco Djimon Hounsou, conhecido por filmes como *Gladiador* e *Diamante de Sangue*, e Alex Wolff, de *Oppenheimer* e *Hereditário*.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Movimento contestatário da década de 1960, inspirado em ideias libertárias	O jogo de cartas mais popular do mundo	"União", na sigla TCU	"A Teoria de (?)", filme baseado na história do físico britânico Stephen Hawking	Sucesso de Raul Seixas (MPB)
Condição de cada ovo Fabergé	Feitio da cabeça do tubarão-martelo	Pintor alemão naturalizado inglês, autor de "Homem Nu com Rato"	Escritor cubano de "O Reino Deste Mundo"	Multiplicar por dez (Mat.)
Membrana da parte interna da pálpebra	Morada dos deuses gregos	Registro escrito de ato oficial	Vício de linguagem de "João lambão comeu o pão com pinhão" (Gram.)	Erika Januza, atriz mineira
Característica do elefante branco	Ato de pedir perdão	Eve Ensler, dramaturga dos EUA	Carlos Scliar, artista plástico	Mamífero da família do guaxinim
Margem de (?), conceito estatístico	Pane (?): falta de combustível no carro	Prefixo de "arquitimionário"	Viagem, em inglês	Louis Réard, inventor do biquíni
Vitamina antigripal	Fluido usado por massagistas	Palavra pronunciada durante brindes	Teor de ouro	Nativo polinésio da Nova Zelândia
(?) por cabos, condição da ponte estaiada	As de Marte são Fobos e Deimos (Astr.)	O som do "x" em "exame" (Gram.)	Ilha de (?): situa-se no mar da Irlanda	Pop (?): retrata ídolos populares
(?) por cabos, condição da ponte estaiada	Ave negra que nidifica em grupo	Erasmus de Roterdã, filósofo holandês	Unidade Astronômica (sigla)	(?) de Rivoli, loquaz de Paris
(?) por cabos, condição da ponte estaiada	"(?) à Liberdade", obra de Pushkin que o levou a ser deportado	Intervir; interceder	Conceito básico à computação	

BANCO. 3/man — not — rue, 4/gita — trip, 1/lucian freud.

10

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel | /editoracoquetel | @coquetel

ASSINE AGORA! | www.coquetel.com.br

Solução

E	R	A	V	I	D	M	E	N	I
R	E	T	E	O	D	E			
I	O	D	A	D	U	N	A		
A	T	A	V	L	Z	A	R		
N	V	M	I	E	S	V	L		
E	C	E	I	R	A	R	C		
I	P	T	R	F	O	S	O		
L	R	A	V	S	A	P	S		
A	V	L	P	A	C	M	E		
C	U	C	O	I	L	A			
O	E	C	O	R	O	E	R		
J	E	O	T	O	V	E	T		
E	D	E	I	D	I	T	I		
L	T	I	U	O	D	O			
I	V	A	N	J	U	N	O		
G							P		

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Um dia rico de encontros, conversas e atividade familiar bastante emotiva. Seus sentimentos são tocados de modo especial, mas com alguns excessos e melodramas.

Câncer: Grande sensibilidade, mas difícil de controlar e contornar. É tempo de terminar as tarefas difíceis que começou - mesmo que esteja sem ânimo.

Touro: Alguns negócios e atividades produtivas precisam ser terminados por volta deste dia. Sua energia física está em queda e convém evitar os excessos físicos e emocionais.

Leão: Momento socialmente intenso, com encontros e com um espirituoso convívio com amigos. Os grandes planos e sonhos podem ser agora firmados de modo definitivo por você.

Gêmeos: A Lua Minguante mostra ser tempo de fazer um balanço do que foi renovado, assentando melhor o que está entrando de novidade em sua vida. Seja amistoso com as pessoas.

Virgem: Momento de firmar as posições conquistadas no trabalho. Convívio prazenteiro com pessoas amigas possível recebimento de recursos devido ao trabalho dos últimos dias.

Libra: Momento de ideias inspiradas, dando continuidade à disposição das últimas semanas. O amor continua fortemente estimulado - com um novo futuro se revelando ainda mais.

Escorpião: A intimidade amorosa passar a ser um elemento importante. É preciso ter a confiança para se abrir à pessoa amada. Mas atenção aos arroubos românticos e de ciúme.

Sagitário: Os encontros, parcerias e o relacionamento a dois estão favorecidos. Agora, já poderá colher um pouco dos frutos que a vida lhe permitirá colher em suas novas relações.

Capricórnio: As relações de cotidiano tendem a ser divertidas e promissoras. Alguém lhe encanta em especial, seja no convívio de trabalho ou mesmo no âmbito pessoal e afetivo.

Aquário: O amor em todas as suas formas continua estando estimulado. Tudo o que estava prometido para ontem, hoje tende a se tornar ainda mais realidade concreta.

Peixes: Momento de harmonia especial no ambiente familiar. Aproveite para relaxar - e não apenas descansar, mas realmente se soltar por completo num ambiente aconchegante.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Cinco autores e a rainha do crime

Crimes se dão a todo momento, em muitos lugares, premeditados ou não, por desejo de vingança, questões passionais, busca por dinheiro ou joias, motivações políticas ou futebolísticas e perrengues de mesa de bar. Crimes e criminosos são eternos como andar a pé ou como a Sé de Braga. Agatha Christie é a rainha do crime e parece que não será destronada tão cedo. Talvez nunca.

Teias mortais (HarperCollins, 240 páginas, R\$ 34,00) reúne cinco contos de suspense de cinco autores importantes de nossa literatura atual, inspirados na rainha Agatha. Felipe Castilho escreveu *O caso das nefastas criaturas*, que fala da deficiente visual Alice, representante de uma empresa que quer comprar uma *startup* de tecnologia exclusiva, mas aí alguns segredos... Luisa Geisler escreveu *Todas as partes*, uma história com cinco convidados para escrever um livro de mistério, numa casa

isolada. No primeiro dia alguém morre e a governanta some...

Um crime para o Imperador é o conto de Samir Machado de Machado, que traz Dom Pedro II, de noite na casa de uma de suas amantes, debatendo o assassinato de um senador e resolvendo solucionar o caso. Bel Rodrigues escreveu *Um olhar demorado*, com um grupo de amigos num reencontro conturbado numa pousada. Beto, marido de uma das amigas, é encontrado morto. Ele era diabético, mas será que errou na dose de insulina?

O caso da manequim de luxo é o conto de Jim Anotsu que narra a história de dois irmãos, Jorge e Tomasina, que vão a um desfile de alta costura. Presenciam o misterioso assassinato de uma manequim e constatarem que luxo não muda o caráter das pessoas.

Como se vê, a rainha Agatha, lá no além, com suas técnicas narrativas e mistérios, instigou e inspirou os escritores e as



histórias mostram que há várias possibilidades, quem sabe mais de um suspeito e que, nas entrelinhas, os sagazes leitores poderão desvendar (ou não) os mistérios habilmente apresentados. Não é o caso daquele tradutor português que deu o seguinte título para o romance policial inglês: *O caso em que o mordomo era o culpado*.

e palavras...

SÃO FRANCISCO DE ASSIS É O CARA

Que a gente vive num mundozinho com pouquíssimas referências pessoais, religiosas, científicas, sociais, políticas, econômicas e culturais consistentes e duradouras todo mundo está careca de saber. Muitas ideias, ideologias, verdades e pessoas hoje têm prazo de validade igual ao de um palito de fósforo e, como disse o Karl Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar", até mesmo muitas ideias dele, que não eram lá muito sólidas.

Mas nesse cambaleante entrevero pós-moderno que vivemos, no final de 2012, três meses antes da eleição do Papa Francisco, eu escrevi umas linhas sobre São Francisco de Assis. Os leitores da revista Time norte-americana, em 1992, o elegeram como o Homem do Segundo Milênio, à frente de Shakespeare, Einstein, Michelangelo, Lutero, Mozart, Galileu Galilei e outros gigantes. Título muito merecido ao santo mais conhecido do mundo, à pessoa mais transformadora que existiu no segundo milênio. Ele pregou o amor, a paz, o respeito à natureza e aos animais. Foi um hippie do século III, viveu entre 1182-1226. Abriu mão dos bens materiais de sua família e foi pobre a vida toda, como são sua Ordem religiosa e os frades que a compõe. Francisco resolveu viver o Evangelho de Jesus Cristo, entendeu que Deus é pai e que todos éramos irmãos.

O Papa Francisco, que é jesuíta, foi o primeiro pontífice a escolher como nome papal Francisco, que foi canonizado pelo Papa Gregório IX dois anos após sua morte, ocorrida quando ele

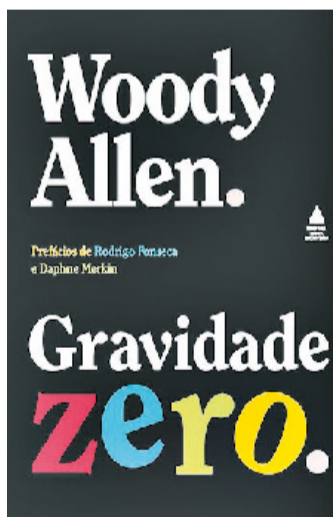
tinha 44 anos. Francisco não precisou ser gênio das ciências ou das artes para marcar a história da humanidade. Dante Alighieri, autor da *Divina Comédia*, escreveu que Francisco foi uma luz que brilhou sobre o mundo.

Francisco não precisou de verbas publicitárias milionárias, contratos bilionários envolvendo redes sociais e muito menos de ajudas governamentais ou privadas para propagar sua fé e viver com coerência e paixão uma vida enaltecendo os seres humanos, a lua, o sol, a natureza, os animais e o amor.

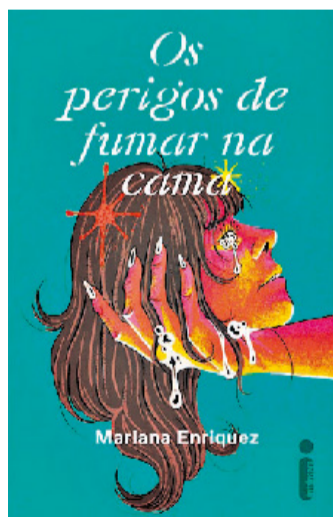
Lá onde está, oitocentos anos depois de morrer, Francisco deve estar torcendo para que um dia suas pregações sejam mais aceitas e para que as pessoas e o planeta se tornem melhores. Ao lado de pessoas como Madre Teresa, Irmã Dulce e outros benfeitores, Francisco representa o que temos de melhor e nos serve de modelo e referência especialmente nestes dias tumultuados que vivemos.

As orações e as ações de Francisco por convívio melhor entre as pessoas, contato melhor com a natureza e os animais e a prática de espiritualidade elevada permanecem válidas, e os desastres climáticos mostram justamente isso. A escolha do Papa Francisco pelo nome do santo tem uma importância imensa, depois de quase oito séculos da morte do Pobrezinho de Assis. São Francisco teve importante participação no Espiritismo, auxiliando Kardec na codificação.

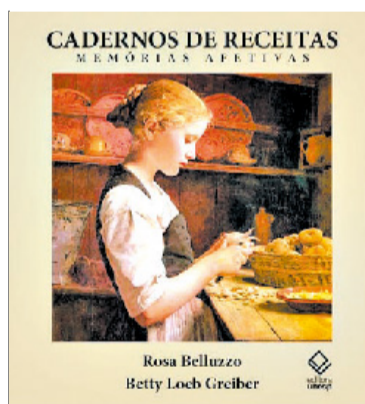
lançamentos



► **Gravidade Zero** (Editora Nova Fronteira, R\$ 55, 208 páginas, tradução de Regina Lyra, prefácios de Rodrigo Fonseca e Daphne Merkin), do escritor, ator e diretor Woody Allen, mundialmente conhecido, traz contos e histórias com muito humor e picardia, envolvendo pessoas e cenários nova-iorquinos. Nesses tempos sombrios, um frescor para os leitores.



► **Os perigos de fumar na cama** (Editora Intrínseca, 144 páginas, R\$ 49,90), de Mariana Enriquez, jornalista, professora e escritora, que publicou no Brasil pela Intrínseca os contos de *As coisas que perdemos no fogo* e os romances *Este é o mar* e *Nossa parte de noite*, traz contos cheios de fantasmas, bruxas e espíritos terríveis dos dias de hoje na Argentina.



► **Cadernos de receitas - Memórias afetivas** (Editora Unesp, R\$ 114,00, 192 páginas), organizada por Rosa Belluzzo e Betty Loeb Greiber, traz textos e histórias sobre cadernos de receitas de imigrantes de várias etnias e entrevistas com pessoas das famílias que utilizavam os antigos e afetivos cadernos de receitas.

a propósito

A simplicidade da Igreja Franciscana situada na esquina da rua Domingos Crescêncio com a rua São Luís, na nossa Porto Alegre, mostra bem que a fé e a espiritualidade não necessitam de muitos ornamentos, imagens e símbolos, e que São Francisco segue iluminando a todos que necessitam. Ainda

são muitos os necessitados, especialmente depois das enchentes que nos assolaram. O exemplo de São Francisco, suas palavras e orações estão aí para ajudar a todos, especialmente as autoridades e os líderes que conduzem (ou deveriam conduzir) nossos destinos.

(Jaime Cimenti)

pensando cultura

Catherine Opie, a artista lésbica pioneira em fotografar pessoas LGBT

É raro encontrar fotografias antigas de pessoas LGBTQIA+, seja em velhas caixas de sapatos ou museus históricos. Os retratos em sépia costumam exibir homens de gravata, mulheres de vestido e às vezes os dois juntos, ela sentada, ele em pé, com algumas crianças ao redor.

Se alguma dessas pessoas fosse LGBTQIA+, a câmera não poderia saber. Foi pensando nisso que Catherine Opie passou a eternizar, na década de 1980, suas amigas e amigos da fervilhante comunidade queer de San Francisco, em retratos que viajaram pelo mundo e compuseram acervos como o do museu Guggenheim, em Nova York. Agora, como conta Alessandra Monterastelli para a Folha Press, a artista abre sua primeira exposição no Brasil, no Museu de Arte de São Paulo, o Masp.

Os retratos de Opie costumam seguir o formato clássico, com pessoas posando sentadas ou de pé diante de uma câmera. Em suas fotos, porém, mulheres usam cabelos curtos, bigodes e calças largas, e homens, maquiagem e saias. As crianças, quando aparecem, não vestem rosa ou azul. Seus personagens, na verdade, parecem pouco se importar com as normas de gênero. No ano passado, foi um retrato seu de Elliot Page que estampou a capa da autobiografia do ator, onde contou sobre sua transição enquanto astro do cinema.

A ideia de realocar pessoas queer na história pela fotografia surgiu durante visitas à ala de retratos da família real Tudor, na National Portrait Gallery de Londres, feitos ainda por pincéis e não por lentes. O debate foi reacendido também na última Bienal de São Paulo, que exibiu um raríssimo retrato em pintura de uma pessoa transgênero, datado do século 17. Opie queria compreender o significado de “viver por meio de um retrato formal”, diz ela por videochamada de sua casa, em Los Angeles.

Mas a artista não queria vestir seus modelos com trajes elisabetanos para homenagear os velhos mestres da pintura - afinal, “a história nunca pode ser repetida” - e tampouco fazer cliques de caráter documental, “carregando uma câmera por aí”, como faziam na época grandes fotógrafos como



CATHERINE OPIE/DIVULGAÇÃO/JC

Fotógrafa, que vem ao Brasil pela primeira vez, diz temer reação de conservadores como aconteceu com Judith Butler

Nan Goldin, Wolfgang Tillmans e Jack Pierson.

O foco deveria estar nos corpos e traços de seus modelos, intensificados pelas cores saturadas dos tecidos usados no fundo das fotos. Mas não são cliques de moda. “As mulheres estão olhando de volta para você, não são apenas objetos.”

No final de 1977, San Francisco elegeu o primeiro homem gay da Califórnia para um cargo público, Harvey Milk, para testemunhar seu assassinato apenas 11 meses depois. O ativismo da comunidade LGBT se intensificou na cidade. “Era o auge da liberação gay e, ao mesmo tempo, tínhamos a questão da Aids, ignorada pelo governo. Lutávamos pelos nossos direitos de identidade, e senti que meu trabalho tinha que contribuir para isso”, diz Opie.

Foi naquele momento, lembra a artista, que a comunidade se uniu. “As lésbicas e os gays não se misturavam. Mas, com a Aids, a maioria das lésbicas passou a cuidar de seus amigos doentes”. Agora, segundo ela, é o momento de abraçar a comunidade transgênero, mais vulnerável às mudanças políticas.

Apesar dos avanços das últi-

mas décadas, Opie acredita que as leis estão se voltando novamente contra a comunidade LGBT nos Estados Unidos. “Se [Donald] Trump vencer [as eleições americanas] nossos direitos de casamento, por exemplo, vão desaparecer. Ele tem a Suprema Corte a seu favor. As mudanças podem prejudicar o resto de nossas vidas.”

O alarmismo é uma resposta a declarações recentes de Trump à sua base eleitoral. O republicano vem afirmando que colocará fim ao que considera proteções concedidas pelos democratas à comunidade LGBT, como a recente decisão do Departamento de Educação que impede a discriminação sexual em escolas que recebem financiamento do governo.

Diante do crescimento do conservadorismo, as novas gerações estão retomando a força do ativismo, segundo Opie. “A nova geração está mergulhando na história do que fizemos e como nos assumimos quando as pessoas tinham medo, ainda nas décadas de 1980 e 1990. Eu simplesmente decidi não viver com esse tipo de medo”, diz.

Opie não esconde o medo de expor sua obra no Brasil pela primeira vez. “Estou preocupa-

da com o ativismo contra gays e lésbicas. Eu sei o que aconteceu com Judith Butler”, diz, lembrando de quando a filósofa e teórica feminista foi atacada por um grupo conservadores em sua passagem pelo Brasil, em 2017, quando participou de um seminário no Sesc Pompéia.

O ocorrido lembra a artista de quando ela própria foi perseguida por um ativista de direita, em 2008. “Ele disse que iria à minha exposição no Guggenheim e roubaria meu filho de mim, porque uma lésbica não deveria ter o direito de criar uma criança.”

“Mas estou aliviada que [Jair] Bolsonaro não é mais o líder de vocês”, completa Opie.

A primeira passagem da artista pelo país foi na década de 1990, quando ela foi contratada pela The New York Times Magazine para acompanhar a jogadora de basquete Hortência Marcari. “O marido dela na época era dono de casas noturnas em São Paulo com arenas de cavalos no meio delas. O filho dela [Marcari], ainda bebê, foi apresentado em cima de um garanhão branco em uma dessas noites”, lembra a artista, entre risadas.

Bem recebida pelos países por

onde passa para expor, localizados especialmente na Europa e América, Opie hesitou há 30 anos. “Quando comecei esse trabalho, realmente pensei que estava aniquilando qualquer possibilidade de ter uma carreira, especialmente como professora”, diz ela.

A preocupação é parecida com a de outras pessoas que fizeram trabalhos abertamente LGBT na época. As atrizes Helen Shaver e Patricia Charbonneau, que protagonizaram também na década de 1980 “Corações Desertos”, um dos primeiros longas a mostrar um romance entre mulheres, ouviram de seus agentes que suas carreiras em Hollywood estariam arruinadas depois que as gravações do filme terminassem.

Para Opie, o maior temor era não poder lecionar na Universidade da Califórnia em Los Angeles, profissão que exerce hoje. “Eu queria formar a próxima geração de artistas”, diz.

“É o que eu sempre digo aos meus alunos queer: sejam corajosos. Você não sabe como será recebido e o mundo onde vivemos é difícil, mas se você não viver sua verdade e fizer um trabalho importante para si próprio, não estará vivendo sua vida ao máximo.”